

Apresentação da 7ª edição

O [CiênciAção: Observatório Interdisciplinar de Divulgação Científica e Cultural](#) apresenta sua 7ª edição. A seção **Observatório** divulga o curso de [Especialização em Ciências Exatas e Tecnologia](#) do Curso de Matemática da UNIPAMPA e, também, as ações do [Programa de extensão TRAMAS](#), coordenado por Amanda Meincke Melo (UNIPAMPA Alegrete). Esse programa tem como objetivo geral promover o respeito à multiplicidade das diferenças. A propósito, a seção **Reportagem** traz o texto [É certo “falar errado”?](#) que trata da diversidade linguística brasileira e nos apresenta os mitos que causam tanto preconceito com respeito às variações existentes. O texto foi escrito por Cristina dos Santos Lovato (UNIPAMPA Itaqui) e Mariane Larissa de Lima Borges (acadêmica de Letras EaD da UNIPAMPA/UAB, polo Itaqui/RS).

A seção **Convite a Leituras** traz o convite de **Walker Douglas Pincerati** (UNIPAMPA Jaguarão) à leitura d'[O Brado do Ipiranga, de Cecília de Salles e Cláudia de Mattos](#), livro que faz – digamos – um elogio à célebre representação do dia 07 de setembro: a tela *Independência ou Morte!* (1988) pintada por Pedro Américo. A seção **Artes e Culturas** traz [Um olhar sobre a Gastronomia Gaúcha: do Passado Missionário ao Presente](#), em comemoração ao 20 de setembro, escrito por Vilson Flores dos Santos (MOVER/UFSC) e Paulo Roberto C. da Silveira (UNIPAMPA Itaqui). Em **Blog e Colunista** nossa colaboradora externa, Mariane Contursi Piffero, escreve sobre [A voz como instrumento de efetivação dos direitos das mulheres](#). Também, nessa seção, Eduardo L. Hettwer Giehl, biólogo e pesquisador do Laboratório de Ecologia e Diversidade da UFSC, fala e nos constringe a muito pensar sobre **2020: O ano do fogo no alagado e outras desgraças**. Tema atualíssimo porque trata das queimadas na Amazônia e no Pantanal.

O **Professor Nota 10** da vez é [Nelson Mario Victoria Bariani](#), eleito pelos e pelas discentes. Ele conta sobre sua trajetória inspiradora, de seus medos e vitórias. Em **Meu Trabalho Nota 10** há a contribuição de Gabriel Vicente de Oliveira, acadêmico do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, que aborda as “revoluções tecnológicas” na economia global em [A Nova Globalização na Nova Economia: Qual o Futuro do Dinheiro?](#), cujo título já diz a que veio.

A seção **Artigo de Opinião** traz o texto **Límite da despesa com Pessoal, conforme a Lei 101/2000 (Lei de Responsabilidade Fiscal)** do município de Itaqui, de Márcio Luciano dos Santos Campos e Ronaldo Bernardino Colvero (UNIPAMPA Itaqui) e Ronaldo

Bernardino Colvero (UNIPAMPA São Borja). Por fim, na seção **Alun@ destaque** apresentamos [Luciéle Pacheco Rodrigues](#), acadêmica do curso de Nutrição da UNIPAMPA Itaqui, que diz algumas palavras sobre sua experiência do NEABI do *campus*.

A equipe do [CiênciAção](#) deseja uma excelente leitura a tod@s!

Por [Cristina dos Santos Lovato](#) e
[Walker Douglas Pincerati](#).

Especialização em Ciências Exatas e Tecnologia na UNIPAMPA Campus Itaqui
por Radael de Souza Parolin e Charles Quevedo Carpes.



Fonte: [UNIPAMPA](#), 2019.

O curso de [Especialização em Ciências Exatas e Tecnologia](#) foi pensado durante a gestão do biênio 2015-2016 do [Curso de Matemática, Campus Itaqui](#) (UNIPAMPA, 2020). Algumas necessidades e expectativas alinharam-se à proposta, as quais estavam intrinsecamente ligadas à ideia de desenvolvimento da interdisciplinaridade e integração de diferentes cursos de graduação, na figura dos docentes e seus projetos de pesquisa.

Das principais necessidades, destaca-se o interesse dos egressos dos cursos de graduação do *campus* em dar continuidade aos seus estudos em nível de Pós-Graduação. Essa demanda apresentou-se em diferentes momentos junto à gestão do curso de Matemática e, também, em eventos, como a Semana Acadêmica. Adicionalmente, evidenciou-se outra necessidade e oportunidade: a integração de diferentes projetos de pesquisa, tanto daqueles em andamento, quanto de novas proposições, com vistas à interdisciplinaridade.

Tratando-se das expectativas, além da formação de pós-graduados, se tem o fortalecimento das pesquisas conjuntas, considerando ainda suas publicações, essenciais ao amadurecimento das pesquisas e possibilitando a proposição, em médio prazo, de um programa de pós-graduação *stricto sensu* para o *campus* Itaqui.

O curso de pós-graduação *lato sensu* teve início em 2017, organizado e composto por docentes das áreas de Matemática, Física e Computação, todos do *campus* de Itaqui. Já em sua 2ª edição, com início em 2019, agregaram-se outros professores, incluindo-se a área de Química. Destaca-se que a constituição do curso se deu a partir da valorização das características e diferenças do corpo docente do *campus*, além da integração com o curso de graduação de [Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia](#) (UNIPAMPA, 2018), o qual tem uma proposta ampla e atual ao Ensino Superior de Graduação. Assim, temos por público alvo os egressos dos diferentes cursos do *campus*, além de cursos das proximidades e de professores atuantes no ensino básico, que visam uma atualização ou aperfeiçoamento.

Com a área de conhecimento Interdisciplinar da especialização, sua abrangência do corpo docente contou com 19 professores entre as duas edições. Do objetivo principal para com os discentes, evidencia-se uma visão ampla dos problemas e a mobilização de conceitos científicos adequados para solucioná-los, utilizando-se de recursos tecnológicos disponíveis e propondo o desenvolvimento de novas tecnologias.

De acordo com a concepção pedagógica, o curso divide-se em dois módulos, sendo 7 componentes curriculares obrigatórias no módulo Básico, que totalizam 240 horas, e 14 componentes curriculares eletivas no módulo Específico, das quais o aluno cursa pelo menos 120 horas (Tabela 1). Ainda, com a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na forma de um artigo científico, integralizam-se 420 horas em 18 meses.

No módulo Básico, o estudante revisa e amplia conceitos sobre as ciências exatas básicas (Matemática, Química, Física e Computação), com o propósito de desenvolver no estudante a capacidade de relacionar os conhecimentos de cada área e utilizá-los de forma interdisciplinar. Já no módulo Específico, o estudante aprofunda seus conhecimentos em uma das áreas cobertas pelo curso, escolhendo disciplinas de suporte à fundamentação teórica ao desenvolvimento do seu Trabalho de Conclusão de Curso. Todas as disciplinas concentram-se nas sextas-feiras (em turno noturno) e aos sábados (em turno diurno), de modo a atingir uma formação progressiva e sequencial.

Atualmente, o curso mantém suas atividades de forma remota, devido à pandemia de COVID-19, considerando o calendário da pós-graduação ([clique aqui](#)) e a semestralidade de realização dos TCC. Tornaram-se assim, necessárias algumas adaptações e direcionamentos nos projetos de pesquisas, que já permitiram a realização de defesas de trabalhos de conclusão neste semestre, seguindo as orientações da [Instrução Normativa PROSSI 01/2020](#).

Tabela 1 - Composição Curricular da 2ª Edição (2019-2020)

Módulo	Componente Curricular	Carga Horária	Período de Execução
Básico	Tópicos de Cálculo Diferencial e Integral	30	2019/1
Básico	Estatística Experimental	30	2019/1
Básico	Tópicos de Laboratório Interdisciplinar I	60	2019/1
Básico	Tópicos de Física I	30	2019/1
Básico	Tópicos de Química	30	2019/1
Básico	E-TICs (Ensino e Tecnologias de Informação e Comunicação)	30	2019/2
Básico	Trabalho de Conclusão de Curso	30	2019/2
Específico	Tópicos de Física II	30	2019/2
Específico	Editoração de Textos Acadêmicos com LaTeX	30	2019/2
Específico	Tópicos em Equações Diferenciais	30	2019/2

Específico	Matemática aplicada à resolução de problemas	30	2019/2
Específico	Métodos Numéricos Computacionais I	30	2019/2
Específico	Métodos Numéricos Computacionais II	30	2019/2
Específico	Física Avançada I	30	2019/2
Específico	Pesquisa Operacional Aplicada	30	2019/2
Específico	Programação em Microcontroladores	30	2019/2
Específico	Programação Visual	30	2019/2
Específico	Aplicações de Tecnologias de Comunicação e Informação ao Ensino (Aplicações de TICs ao Ensino)	30	2019/2
Específico	Tópicos de Laboratório Interdisciplinar II	60	2019/2
Específico	Materiais Poliméricos e Nanotecnologia	30	2019/2
Específico	Modelos de Regressão	30	2019/2

Fonte: [UNIPAMPA](#), 2019.

Radael de Souza Parolin é professor da Universidade Federal do Pampa e Coordenador do Curso de Especialização em Ciências Exatas e Tecnologia no biênio 2019-2020 - radaelparolin@unipampa.edu.br

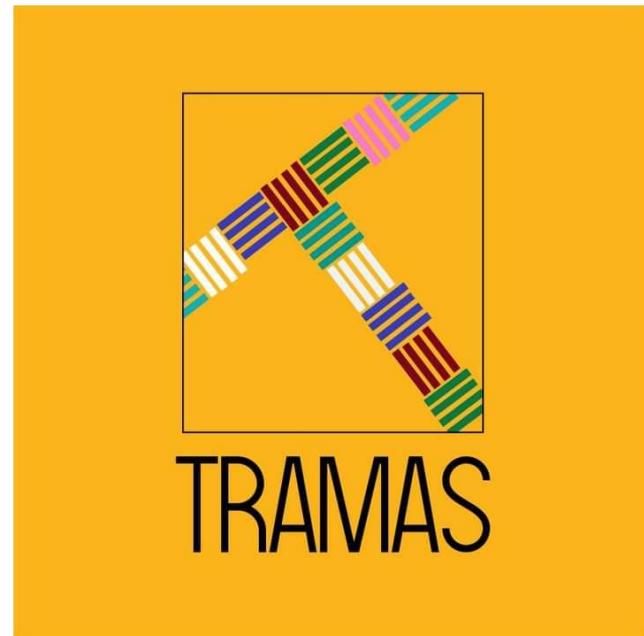
Charles Quevedo Carpes é professor da Universidade Federal do Pampa e Coordenador do Curso de Especialização em Ciências Exatas e Tecnologia no biênio 2017-2018 - charlescarpes@unipampa.edu.br

Revisão e edição de Walker Douglas Pincerati.

Programa de extensão TRAMAS

por Amanda Meincke Melo

TRAMAS, acrônimo para *Tecnologia, Responsabilidade, Autoria, Movimento, Amorosidade e Sociedade*, é um programa de extensão registrado no campus de Alegrete da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Essa ação de extensão, que iniciou em março deste ano, tem como objetivo geral promover o respeito à multiplicidade das diferenças. Propõe “a abordagem de conteúdos pertinentes às políticas de educação ambiental, de educação em direitos humanos e da educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena” (SILVINO *et al.*, 2017, p. 11), assim como a abordagem de temas como acessibilidade, intergeracionalidade, gênero e sexualidade, representatividade, variação linguística, ética, cultura e tecnologia.



A equipe do programa de extensão TRAMAS é formada por discentes, docentes, técnicos-administrativos em educação da UNIPAMPA e representantes da comunidade externa. Além da comunidade acadêmica, o programa tem como seu público-alvo profissionais e estudantes da educação básica, profissionais da área cultural, idosos, indígenas, pessoas surdas e todos aqueles interessados nos temas em tela.

O TRAMAS prevê, entre as suas atividades, a realização de palestras, círculos de cultura, exposições, saraus, oficinas, debates, rodas de conversa, apresentação teatral e práticas de meditação, além de produção técnico-científica. Embora suas atividades tenham sido planejadas, inicialmente, para ocorrerem de modo presencial, no campus de Alegrete e em espaços da comunidade local, como escolas públicas, o Centro Cultural Adão Ortiz Houayek e o Coletivo Multicultural de Alegrete, dada a estratégia de isolamento social no combate à pandemia por COVID-19, elas têm ocorrido de forma on-line.

No mês de março, o programa de extensão se inseriu na programação da “2ª Semana Vivas – na luta pela vida das mulheres”, evento organizado por mulheres do município de Alegrete. Essa participação se efetivou com uma das três inserções previstas da Exposição Itinerante “Mulheres Indígenas Presentes”, da acadêmica do curso de Letras – Português a distância e artística plástica Ruana Marini, no campus de Alegrete do Instituto Federal Farroupilha. Ainda, nesse mês, o programa recebeu do Coletivo Multicultural de Alegrete uma Geloteca, ou seja, uma biblioteca em forma de geladeira para a libertação de livros

(COLETIVO, 2020a). Ela está no saguão do *campus* e, assim que as atividades presenciais forem retomadas, seu acervo deve ser renovado.

De abril a julho, uma série de rodas de conversa foi realizada com apoio da plataforma *Google Meet*, nas temáticas gênero e sexualidade, cultura indígena, acessibilidade na comunicação, literatura e cárcere, arte e sustentabilidade, com a contribuição de profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Colaboraram à realização dessas rodas de conversa o Comitê de Gênero e Sexualidade do campus Alegrete da UNIPAMPA, o NEABI João Brás da Silva e a ação de extensão Gurias na Computação do Programa C. Destaca-se a participação do projeto ENIGMA: mulheres na Computação, coordenado pela Prof.^a Clevi Rapkiewicz, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Outra ação do programa, prevista para ser realizada presencialmente, mas adaptada para realização on-line foi o Sarau de Literatura Lusófona (SARAU, 2020), que propunha valorizar a Língua Portuguesa e sua variação linguística, assim como proporcionar momento de fruição e de interação entre os participantes. O evento, organizado por estudantes do curso de letras, com o apoio do Sesc Alegrete e do Coletivo Multicultural de Alegrete, ocorreu no dia 28 de maio, com início às 19h. A partir da experiência com o sarau, sua equipe executora também colaborou com essas entidades no desenvolvimento da Noite Poética, no dia 11 de junho, em homenagem a Chico Buarque.

Além dessas ações, outras duas foram idealizadas para desenvolvimento on-line: TRAMAS Literárias e Coletivo Multicultural *Online*. O TRAMAS Literárias tem sido realizado pela acadêmica Merlen Alves, do curso de letras, com leituras de textos, inclusive de autores locais, que dialogam com a proposta do programa de extensão TRAMAS. Essas leituras são publicadas em plataformas como *SoundCloud* e *Spotify*, sendo amplamente divulgadas nas redes sociais *Facebook* e *Whatsapp*. O segundo é um projeto do Coletivo Multicultural de Alegrete (COLETIVO, 2020b; COLETIVO, 2020c; LIVE, 2020), realizado de junho a agosto, com apoio do TRAMAS, envolvendo transmissões ao vivo sobre Cultura e Educação na rede social *Facebook*, que também foram disponibilizadas no *YouTube*.

Até o final deste ano, estão integrados ao programa de extensão, dois projetos: Saúde e Bem-estar em Tempos de Pandemia, coordenado pela profa. Letícia Gindri, e Aprendizagens Interculturais: produção de sentidos na educação básica - III Edição, coordenado pela secretária executiva da Educação a Distância, Maria Cristina Graeff Wernz. O primeiro é um projeto especial, submetido conforme orientações do Ofício n. 130/2020/PROGRAD/UNIPAMPA para Projetos Especiais no combate à pandemia COVID-19. O segundo é uma ação de formação de professores da educação básica, que tem contado com a colaboração de intelectuais indígenas em seu planejamento, execução e avaliação.

Nos meses de setembro e outubro, estão previstas transmissões ao vivo na plataforma *YouTube*, associadas ao componente curricular complementar de graduação Tecnologia em Contexto Social, ofertado no campus Alegrete da UNIPAMPA. Ademais, outras atividades previstas no plano de trabalho do programa devem ser adaptadas para realização on-line.

Embora o período de isolamento social tenha trazido restrições à realização de ações de extensão e, consequentemente, grandes desafios, as ações do programa, ainda que de modo adaptado, têm sido ressignificadas e desenvolvidas, envolvendo intensa colaboração de sua equipe executora com a comunidade local e observando os princípios e as diretrizes Extensão Universitária (FORPROEX, 2012). Aos interessados em acompanhar as ações do programa, recomenda-se seguir a página no *Facebook* e o TRAMAS Literárias no *Spotify*, assim como a inscrição no canal do *YouTube*.

Amanda Meincke Melo é coordenadora do programa e docente da UNIPAMPA, campus Alegrete. E-mail: amandamel@unipampa.edu.br.

Referências Bibliográficas

COLETIVO Multicultural doa Geloteca para Unipampa em Alegrete. Alegrete: Alegrete Tudo, 2020a. Disponível em: <https://www.alegretetudo.com.br/coletivo-multicultural-doa-geloteca-para-unipampa-em-alegrete/>. Acesso em: 31 ago. 2020.

COLETIVO Multicultural e Programa Tramas divulgam programação de lives focadas em Cultura e Educação, 2020b. Disponível em: <https://unipampa.edu.br/alegrete/coletivo-multicultural-e-programa-tramas-divulgam-programacao-de-lives-focadas-em-cultura-e-educacao>. Acesso em: 31 ago. 2020.

COLETIVO Multicultural intensifica programações online aos finais de semana em Alegrete. Alegrete: Alegrete Tudo, 2020c. Disponível em: <https://www.alegretetudo.com.br/coletivo-multicultural-intensifica-programacoes-online-aos-finais-de-semana-em-alegrete/>. Acesso em: 31 ago. 2020.

LIVE do Coletivo Multicultural abordará a Lei de emergência cultural Aldir Blanc. Alegrete: Alegrete Tudo, 2020. Disponível em: <https://www.alegretetudo.com.br/coletivo-multicultural-intensifica-programacoes-online-aos-finais-de-semana-em-alegrete/>. Acesso em: 31 ago 2020.

FORPROEX - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em 19 jul. 2020.

SARAU de Literatura Lusófona, 2020. Bagé: Unipampa. Disponível em: <https://unipampa.edu.br/portal/sarau-de-literatura-lusofona>. Acesso em: 31 ago. 2020.

SILVINO, A. M. D.; OLIVEIRA, A. C. A. M.; FABRINI, A. F. S. et al. **Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação Presencial e a Distância:** reconhecimento, renovação de reconhecimento. Brasília: Inep/MEC, 2017.

Para saber mais e acompanhar...

TRAMAS: <https://www.youtube.com/channel/UC5aKrK2xMyDnqBukVB24ACw>.

TRAMAS Literárias: <https://open.spotify.com/show/16waabWc99A4L7Slv6Cx87>.

Tramas Unipampa - Campus Alegrete: <https://www.facebook.com/tramasunipampa>.

Meu Professor Nota 10 - Nelson Mario Victoria Bariani

Agradecido pelo carinhoso convite para escrever nesta coluna. Começo refletindo que, tendo tido a sorte de ser filho de professores, fui direcionado a ter gosto pelo estudo e por essa profissão desde cedo. Meu pai, engenheiro agrônomo, partiu logo em ato de serviço, mas deixou um legado de ações na busca por uma sociedade melhor.

Somadas às circunstâncias da vida e à convicção materna, antes de conseguir sequer pensar no assunto iniciei como professor de inglês num instituto particular aos 17 anos, no mesmo ano em que comecei a graduação em Química. A vocação docente me encontrou e nunca mais me deixou. Fiquei encantado com o tanto que aprendi estando na função de professor, que ainda era um meio de sustento pessoal, e decidi, aos 20 anos, fundar um cursinho de física, química, matemática e inglês na garagem da minha vizinha. Deu certo e foi a minha principal fonte de sustento até os 27 anos, quando passei meus alunos particulares para um colega recém formado em Engenharia Químico, mas ainda sem emprego. Foi aí, nas aulas particulares, onde aconteceu, num mágico dia, a percepção de que aqueles conhecimentos, previamente isolados em comportamentos diferentes da minha cabeça, se conectavam entre si!

Meu amor pelas ciências ficou estabelecido para sempre. E, por causa disso, tentei com sucesso iniciar minha atuação como docente universitário, que no Uruguai pode ser iniciada ainda na etapa de acadêmico, geralmente a partir do 3º ano. Foi assim que há 34 anos iniciei como docente da Cátedra de Física da Faculdade de Química da UDELAR. Novamente apavorado, da mesma forma que no meu início como professor de inglês, percebendo o tanto que não sabia; mesmo assim fui em frente, encantado com o desafio e o fluxo dos conhecimentos chegando. Ali mesmo, com a sorte a meu favor, consegui também formar parte da primeira geração de mestrandos uruguaios (magister em química), criados por meio de um programa internacional de desenvolvimento da ciência básica. Durante esse mestrado, trabalhei em Cristalografia com RX, o que ampliou meus horizontes, me levando a conhecer cientistas da Argentina e do Brasil.

Empolgado com a Física e a ciência em geral, pulei, anos mais tarde, para o Instituto de Física da Faculdade de Engenharia de Montevidéu, onde conheci um ambiente mais próximo ao que é um departamento científico em países mais desenvolvidos. Continuou aí minha paixão pelo estudo dos sistemas instrumentais de medição, que tive oportunidade de conhecer e trabalhar em aulas de laboratório e, também, na pesquisa.

Pressionado pelo ambiente acadêmico para fazer um doutorado, que ainda não existia no Uruguai, e apoiado pela sorte, consegui fazer uma viagem a dois congressos internacionais de Física, em Cancún, e ainda fiquei 15 dias em um centro de investigação científica no México. Nessa viagem, eu decidiria onde fazer o doutorado, pois o momento internacional era favorável a bolsas e apoios para pós-graduações. Significativamente, quer com colegas de quarto de hotel, no setor de pôsteres ou onde apresentei meu trabalho, os

apresentadores que mais me chamaram a atenção eram todos do [Instituto de Física da UNICAMP](#), em Campinas, São Paulo. O resto que eu vi, dos Estados Unidos, Canadá, México e outros lugares do mundo, não me cativou da mesma forma. Lá estava sinalizado meu próximo destino que, coincidentemente, não era a primeira vez que aparecia na minha vida.

Na UNICAMP tive a oportunidade de conhecer e entender o ambiente e o nível da ciência contemporânea, num momento histórico fantástico de maturidade do Instituto de Física, ainda no meio de anos dourados de grandes investimentos e reconhecida produção. No entanto, já no final do terceiro ano de doutorado, tinha percebido que meu conceito romântico de ciência não correspondia com a realidade... Será que a ciência era realmente a solução a todos os problemas, como eu acreditava até então?

Minha busca se ampliou. Veio uma filha para cuidar. Veio um pós-doutorado, agora no Departamento de Saneamento e Ambiente da UNICAMP. Também dediquei mais tempo ao estudo de problemáticas humanas e sociais. Tudo isso me levou, cada vez mais, a uma visão mais integrada, mais interdisciplinar, mais holística da realidade. Gradativamente percebi que os desvios nas interpretações e no uso da ciência eram devidos à imaturidade do ser humano e que o método científico é sim uma bela ferramenta para ser usada para conhecer a verdade, dependendo, para isso, do amadurecimento interior das pessoas. Aprendi que deveria cuidar muito com as minhas decisões para não cair em “tendências científicas”, direcionadas por interesses econômicos muitas vezes contrários ao bem comum.

Nessas alturas, interiormente mais próximo da sociedade brasileira do que a uruguai, a vida tinha me reservado algumas surpresas. O que seria um retorno obrigatório ao Uruguai (após 8 anos no Brasil), acabou se transformando, por motivos circunstanciais de falta de recursos na universidade uruguai, numa liberação. Logo em seguida, surgiu a primeira experiência docente no Brasil, quando passei no concurso da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, a [UERGS](#), em Santana do Livramento, em 2004. Ótima experiência, na qual encontrei o apoio das tecnologias da informação e comunicação no ensino, que me continuam acompanhando até hoje. Também conheci a esposa com a qual formaria uma linda família posteriormente.

Finalmente, em 2006, se concretiza a grande possibilidade de desenvolver um trabalho como docente e cientista a longo prazo, tentando aproveitar a formação e as experiências

coletadas em outras instituições: entrei como professor na Universidade Federal do Pampa. Desde então, otimamente acolhido na UNIPAMPA Itaqui, onde tenho os melhores colegas e alunos possíveis, e grande apoio institucional, organizei minha atuação em torno de um amplo projeto materializado no Laboratório Interdisciplinar Integrado, LABii (ver imagem ao lado), que reúne boa parte das técnicas científicas de maior relevância que conheci, com potencial para contribuir ao desenvolvimento da nossa sociedade local. Técnicas de medição de variáveis ambientais, agrícolas, industriais ou sociais podem ser desenvolvidas no LABii. Estudos, relatórios, artigos ou pareceres sobre regiões ou processos em andamento podem ser produzidos com base em dados de sensores satelitais. Em suma, o Laboratório realiza estudos relacionados a saneamento básico, agricultura, produção de alimentos, saúde, pesquisas sobre temas de interesse social no âmbito acadêmico fornecido pela UNIPAMPA.



O LABii, o grupo de pesquisa UNIGAIA (Grupo de Ações Interdisciplinares Aplicadas



da Unipampa) e três projetos “guarda-chuva” de ensino, pesquisa e extensão, elencados abaixo, formam a estrutura acadêmica base do trabalho em andamento, no qual pessoas interessadas podem ir se agregando gradativamente.

Despeço-me, então, agradecendo novamente, e com a esperança de que esta história continue dentro do bem e da paz, contribuindo para um avanço positivo de cada um dos envolvidos e da nossa sociedade em geral.

Projetos em andamento, que amparam as temáticas desenvolvidas:

- TIC-TIC: Ações Curriculares do Laboratório Interdisciplinar e Grupo Unigaia Apoiadas em Tecnologias da Comunicação;
- Pesquisa no Laboratório Interdisciplinar Integrado e grupo UNIGAIA;
- LABii - Laboratório Interdisciplinar Integrado: Proposta de Prestação de Serviços Integrada Curricularmente;

Disciplinas relacionadas:

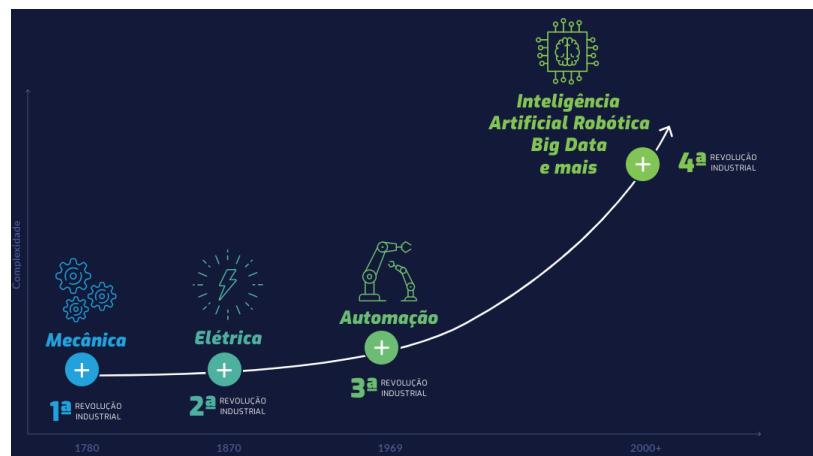
- *Tópicos de laboratório interdisciplinar I e II*, em versões para os cursos de Agronomia, Agrimensura, Interdisciplinar em C&T e para a Especialização em Ciências Exatas;
- Sensoriamento Remoto Aplicado ao Monitoramento Agrícola e Ambiental (Agronomia e BICT);
- Física (Agronomia);
- Hidrologia (Agronomia);
- Elementos de Cartografia e Geoprocessamento (Agronomia e Aquicultura).

Revisão e edição de Walker Douglas Pincerati.

A Nova Globalização na Nova Economia: Qual o Futuro do Dinheiro?

por Gabriel Vieira de Oliveira

Se analisarmos nosso dia-a-dia, podemos notar algo interessante: que estamos em estado de constantes mudanças, desde hábitos alimentares novos à escolha de um novo visual ou até mesmo a maneira de pensar. Porém, se conversarmos com nossos avós, mães e pais, ou algum parente que nasceu antes deste milênio, começamos a ter a noção de como as coisas mudaram rápido e que o mundo é um verdadeiro palco de mudanças; algumas foram tão grandes e significativas que hoje as conhecemos como “revoluções”. Elas marcaram o último século de forma acentuada e possibilitaram um novo conceito de vida. Desde a primeira revolução industrial, no século XVIII, o mundo passou por uma série de alterações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas. Esta última gerou um mundo globalizado.



Fonte: Industria 4.0. Gov

A globalização ampliou a difusão do conhecimento, a diversificação cultural entre os povos e a possibilidade de comunicação ativa entre os países e entre as pessoas. Ao mesmo tempo, gerou mudanças consideráveis em alguns paradigmas sociais. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), autor de **Vida para Consumo**, conta que a sociedade moderna pensou em si mesma como uma atividade da cultura ou civilização e agiu sobre esse pensamento. Para ele, essa “ação civilizatória” tem como característica fundamental desmontar a realidade herdada; ou seja, pôr ordem no que lhe causa mal-estar, o caos. Nesse contexto, a modernidade busca a beleza e a harmonia, ao passo que na pós-modernidade é a liberdade individual que conta. De fato, é notável que hoje vivemos numa

Sociedade da Informação



Fonte: Blog Celi Marques Geografia

informação é considerada a ferramenta essencial na manutenção e construção do conhecimento pelos indivíduos, pois a criação e a reprodução da informação se tornam a

principal fonte de produtividade e de poder. Isso condiz com o que do grande filósofo brasileiro [Mário Sergio Cortella](#) (1954-) diz em **Viver em paz, para morrer em paz**: “Hoje, a modernidade transformou o ruído numa forma de expressão, a tal ponto que nossa expressão de vida tem de ser ruidosa. Para serem notadas, para ganharem existência, as pessoas vivem em função de apelos que Guimarães Rosa chamou de “viver em voz alta”.”

Diante disso tudo fica evidente que o mundo passou e passa por constantes transformações. Mas, qual será a próxima transformação? E que consequências ela traria para a sociedade? A resposta pode ser dada a partir da majestosa obra [O futuro do dinheiro](#), de Rudá Pellini, empreendedor brasileiro em grandes bolsas de valores, obra que traz na capa esta provocação: *E se uma revolução financeira acontecesse agora: Você estaria preparado?* A dada altura, Rudá conta que Roberto Setubal, presidente do Itaú/Unibanco, afirmou em uma reunião com analistas e investidores que estamos vivendo um mundo em grande transformação e que, por isso, não temos um rumo certo nem sabemos onde tudo isto vai parar, o que tem lhe tirando o sono. Isso porque as fintechs, Tecnologias Financeiras, estão acompanhando o mercado acirradamente. Também para o líder bancário Roberto Campos Neto, se dá uma suposta transformação inevitável e ressalta a necessidade do sistema financeiro se adaptar a tais “novas mudanças”.

Analizando atualmente o mercado financeiro, podemos perceber notáveis evoluções. A primeira é que, depois de séculos, boa parte dos bancos estão em processo de adaptação às novas tendências, pois a tecnologia permitiu a criação de novas formas de guardar e investir dinheiro. O exemplo mais claro é a criação da startup brasileira [Nubank](#), que possibilita a seu usuário ter um banco inteiramente digital que atende boa parte de suas necessidades pelo celular, desde a abertura da conta até uma solicitação de crédito ou transferência. É claro que ainda não é possível ter todas funções de um banco convencional, como um limite de crédito alto, mas é apenas uma questão de tempo para isso acontecer.



Fonte: Blog Foregon.

Todos os dias bolsas do mundo inteiro movimentam valores mobiliários e seus acionistas acompanham as novas tendências do mercado na “sociedade da informação”. Os grandes bancos buscam sempre se adaptar a tais tendências para não perder o devido espaço no mercado, muitos deles acabam comprando ideias e projetos para sair na linha de frente neste novo cenário. Portanto, a revolução financeira está com uma perspectiva previamente positiva. Por essa razão, se o indivíduo se adaptar às novas tecnologias, ele terá a possibilidade de conseguir uma liberdade e segurança financeira, pois as possíveis tendências a serem adotadas no mercado financeiro possibilitarão escolhas que reforçam a autoridade e a autonomia do próprio dinheiro.



Para exemplificar tais fatos, vamos voltar ao ano de 2008. O dia 15 de setembro, nos Estados Unidos, popularmente conhecido de “segunda-feira negra”, foi o marco da crise mobiliária que alastrou o país e automaticamente gerou um gigantesco impacto no mundo, sendo sua causa uma grande bolha de crédito criada pelos bancos americanos.

COMO COMEÇOU A CRISE



1 IMÓVEIS VALORIZADOS

Com juros baixos e crédito farto, os preços dos imóveis nos EUA tiveram forte valorização, encorajando mutuários a refinanciar suas hipotecas. Os bancos davam aos mutuários uma diferença em dinheiro, utilizada para consumir



2 TÍTULOS LASTREADOS

Para captar dinheiro, os bancos criaram instrumentos financeiros complexos chamados títulos lastreados em hipotecas (uma espécie de nota promissória garantida pelas hipotecas) e venderam para investidores que também emitiram seus próprios títulos lastreados nesses títulos e passaram-nos para frente, espalhando-os por todo o sistema bancário



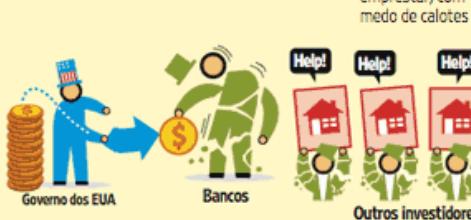
3 JUROS ALTOS E QUEDA DOS PREÇOS

As taxas de juros começaram a subir para combater a inflação enquanto os preços dos imóveis passaram a cair, fazendo com que as mensalidades da casa própria ficassem mais caras. A inadimplência disparou e, assim, os títulos que eram garantidos por essas hipotecas perderam valor



4 PERDA DOS BANCOS

Além dos prejuízos com a inadimplência, os bancos tiveram fortes perdas com os títulos. Os bancos com maiores problemas se viraram à beira da falência e precisaram da ajuda do governo americano



Crise de confiança
 Instalou-se uma grave crise de confiança e os bancos não querem mais emprestar, com medo de calotes

Fonte: [Folha de São Paulo](#).

Em 1998, os bancos norte-americanos começaram a oferecer crédito para milhares de seus cidadãos. Para adquirir o recurso, não era necessário comprovar renda nem bens materiais. Até mesmo desempregados tinham acesso ao crédito, que ficou conhecido como “*subprime*” ou “segunda linha”. Após algumas manipulações no mercado e alguns anos passados, os devedores não pagaram suas dívidas e, logicamente, isso gerou um caos financeiro. No final desse ano, o governo fez impressão de moeda e livrou os grandes bancos da falência, e poucas pessoas foram responsabilizadas. Quem pagou a conta foi a população.

No meio da crise, criou-se o que pode ser o possível futuro do dinheiro: as criptomoedas. Em meados de outubro de 2008, Satoshi Nakamoto publicava o [whitepaper Bitcoin: Um Sistema de Dinheiro Eletrônico Ponto-a-Ponto](#) em uma rede de discussão

sobre criptomoedas. Na publicação, constava o funcionamento da moeda e todas suas principais características, a saber:

- “o desenvolvimento de um sistema eletrônico de transação que **dispensa o intermediário**;
- as assinaturas digitais que permitem **forte controle sobre propriedade e previne o gasto duplo**;
- uma rede P2P que **usa prova de trabalho para criar um registro público** e impossível para fraudadores modificarem, desde que os nós honestos controlem o sistema;
- os nós trabalham com pouca coordenação e não precisam ser identificados, pois as mensagens jamais são enviadas para uma única localização;
- os nós podem deixar e voltar à rede a qualquer hora porque a Blockchain é atualizada sempre que retornam à rede;
- as regras e incentivos podem ser aplicados usando um sistema de votação.” ([BITCOINTRADE, 2019.](#))



Fonte: [BITCOINTRADE](#)



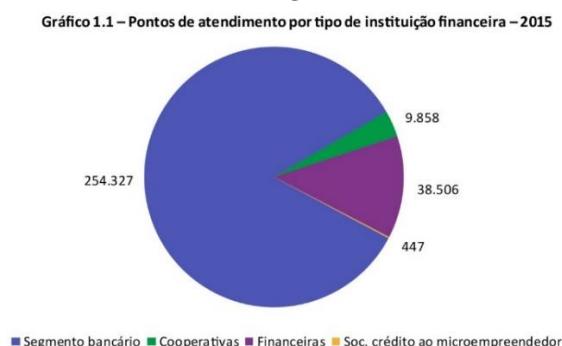
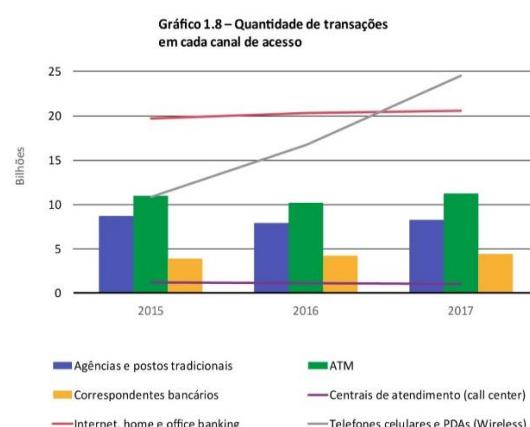
Fonte: [iStock](#)

A Bitcoin tem várias características associadas aos conceitos anteriormente vistos. Feita em um momento de crise, carrega o diferencial de ser o grande medo dos bancos, e também de algumas pessoas, porque é uma moeda que não necessita dessas instituições para intermediar transações financeiras. A agencia bancária ou o clube de investimentos não são mais necessários. Antes nos

questionarmos sobre a segurança dessa moeda, apresento (ver imagem ao lado) uma das boas invenções da evolução tecnológica: a **Criptografia**.

Em **Por uma nova Globalização**, [Milton Santos de Almeida](#) (1926-2001) apresenta a ideia de uma nova consciência universal. Afirma que a informação sustenta a atual ideologia mundial e, também, que ela carrega em si a “capacidade de ser algo diferente”. Se relacionarmos isso à proposta dos novos bancos digitais, *fintechs* e *criptomoedas*, e aos comentários dos líderes bancários citados anteriormente, conseguimos enxergar uma possível perspectiva que se baseia na capacidade evolutiva do mercado financeiro, podendo ter uma possibilidade de uma mudança positiva na economia mundial, no quesito de liberdade e autonomia financeira. Pois, com o acesso ao conhecimento tecnológico e financeiro, o indivíduo poderá optar em qual ou quais plataformas irá atuar. Claro que para que toda essa revolução esteja aplicada de forma positiva, é necessário difundir e popularizar esse conhecimento e a tecnologia, só assim seria válida a utilização da expressão “Nova Globalização”. Afinal, como o próprio Milton Santos afirmava, “a cultura popular e a crescente capacidade de se comunicar impulsionada pelas novas tecnologias da informação dariam resultados [...]”, se atingirem não só aqueles que utilizam o mercado financeiro como também englobarem aqueles não têm acesso a tais conhecimentos e tecnologias; parcela essa da população que é obrigada a aceitar serviços financeiros com taxas abusivas.

No que tange ao curso da tendência da qual trato aqui, vale a pena refletirmos a partir da análise de seu aspecto nacional. O **Relatório de Cidadania Financeira** publicado em 2018 pelo Bacen, o Banco Central do Brasil, apresenta o número dos pontos de atendimento por instituição financeira:

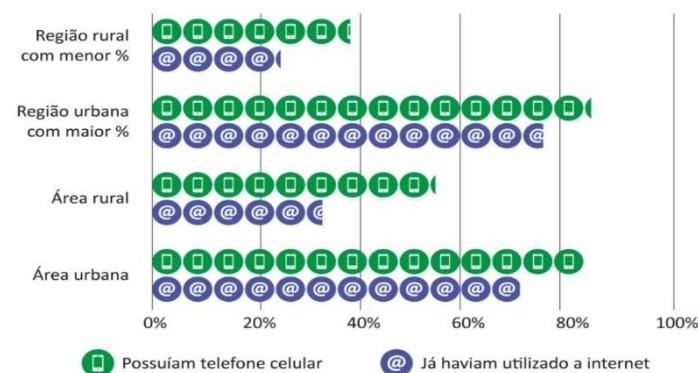
IMAGEM 1**IMAGEM 2**

Fonte: [Banco Central do Brasil](#)

Na **IMAGEM 1** vemos que há 257.570 pontos de atendimento de instituições financeiras diversas, com expressiva vantagem ao segmento bancário, os bancos comuns. A **IMAGEM 2** apresenta a quantidade de transações em canais de acesso. Contudo, a **IMAGEM 2** mostra o crescimento significativo dos pontos de acesso remoto, ao passo que o número de canais de atendimento físico tem se reduzido com o tempo. “As transações realizadas em canais presenciais – agências e postos tradicionais, caixas de autoatendimento e correspondentes bancários – diminuíram em 5% de 2015 a 2016 e voltaram a crescer 7% de 2016 a 2017. Já as transações por meio de canais não presenciais (*home e office banking, call centers, smartphones e PDAs*) registraram expansão significativa – de 20%, de 2015 a 2016, e de 21%, de 2016 a 2017 – e representam 66% do total das transações realizadas (remotas e presenciais). Nesse avanço, o destaque fica com as transações via *smartphone*, que vêm crescendo de maneira acentuada e, em 2017, já ultrapassaram aquelas feitas por meio do computador (*internet, home e office banking*).” ([BACEN](#), 2020.) A propósito, a **IMAGEM 3** apresenta o alcance em 2016 da posse de celular e do uso de internet no Brasil por região.

IMAGEM 3

Figura 1 – Posse de celular e uso de internet no Brasil – 2016¹¹
 Dados referentes aos três meses anteriores à pesquisa
 Pesquisa com a população acima de 10 anos



Fonte: Global Findex

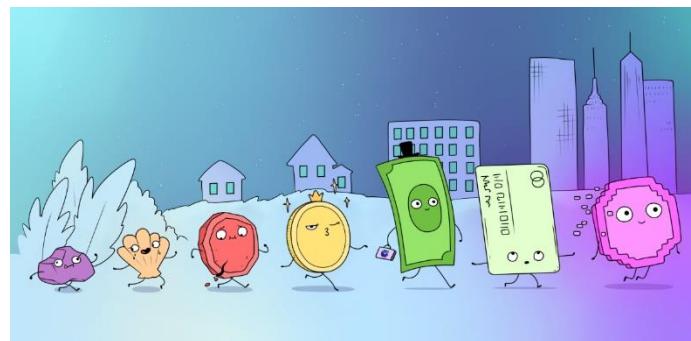
“Esse cenário é corroborado pelos resultados da edição 2017 da pesquisa mundial *Global Findex Database*. A sondagem é considerada uma das mais importantes com relação à inclusão financeira e usa como metodologia uma pesquisa por amostragem com a população acima de 15 anos. De acordo com dados do Global Findex, o percentual de pessoas que utilizaram a internet, no Brasil, tanto para pagar contas quanto para fazer compras subiu de 8,7% em 2014 para 17,6% em 2017. Para a mesma amostra da pesquisa, o percentual de pessoas que usaram o celular para pagar contas de serviços, como água e energia elétrica, aumentou de 0,8% para 3,9% no mesmo período. A análise desses dados confirma o rápido crescimento no acesso a canais remotos para serviços financeiros, porém os percentuais de uso ainda são baixos”

([BACEN](#), 2020).

Com as informações acima, fica notável alguns aspectos da revolução financeira e que a mesma é acompanhada pela revolução tecnológica. Apesar do baixo percentual, é possível que boa parte da população se adeque a tais práticas tecnológicas e automaticamente se insira no SFN, o Sistema Financeiro Nacional, e, consequentemente, nessas práticas. “A implementação de soluções digitais poderia atender ao segmento da população que considera alto o custo de manutenção de uma conta bancária, uma vez que essas soluções tendem a ter custos mais baixo” ([BACEN](#), 2020). Tendo isso em vista, no momento passamos a fase de conhecimento e adequação à nova plataforma. Portanto, para que ocorra uma revolução financeira saudável é extremamente necessária a aplicação de medidas educativas financeiras e tecnológicas para que a população em um contexto geral possa desfrutar de um ambiente melhor.



Fonte: Global Findex



Fonte: Chinnon Santos Blog.

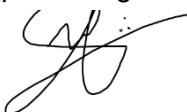
O futuro do dinheiro em si é algo muito incerto. Note-se, porém, que algumas possibilidades podem favorecer de forma positiva a população, considerando-se que a “Nova Economia” tem a principal característica a adaptabilidade ao perfil do usuário num curto espaço de tempo. Os bancos convencionais e os digitais, as

cooperativas, as *fintechs*, dentre outros e outras, sempre vão buscar acompanhar as mudanças para não perder espaço de mercado. Por mais que exista o monopólio bancário, futuramente, com a educação financeira e tecnológica, as pessoas encontrarão um cenário muito mais favorável.

Gabriel Vicente de Oliveira é discente do [Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia](#)



da Universidade Federal do Pampa. Já atuou como pesquisador e líder de projetos na área tecnológica do Sesi e Senac, e por dois anos permaneceu ativo na carreira bancária no ramo de cooperativas de crédito. Atualmente, atua no setor administrativo em uma empresa do ramo plástico no Rio grande do Sul, além de ocupar o cargo de tesoureiro no Diretório Acadêmico Geraldo Crossetti.



Referências

bibliográficas e Bibliografia:

- PELLINI, Rudá. **O futuro do dinheiro**: banco digital, *fintechs*, criptomoedas e *blockchain*: entenda de uma vez por todos esses conceitos e saiba como a tecnologia dará liberdade e segurança para você gerar riqueza. São Paulo: Gente, 2019.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Viver em paz para morrer em paz**: se você não existisse, que falta faria?. São Paulo: Planeta, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.
- KRETZER, Maria Clara. Resenha: “Por uma outra globalização”, de **MILTON SANTOS**. Florianópolis: UFSC, 2020.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 15^a ed.. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de cidadania financeira**. Brasília: BACEN, 2018.

Revisão e edição de [Walker Douglas Pincerati](#).

A voz como instrumento de efetivação dos direitos das mulheres

por Mariane Contursi Piffero

O reconhecimento do direito das mulheres ocorreu em etapas, são as chamadas “ondas”. A primeira onda foi na época da Revolução francesa, a segunda durante os movimentos sociais do século XIX, e a terceira, e atual, onda, o feminismo contemporâneo, que surgiu na década de 60. Cada direito alcançado foi importante na conquista dos que vieram depois.

Em 27 de agosto 1962, foi promulgada a Lei nº. 4.121, conhecida como Estatuto da Mulher Casada. Foi apenas após essa norma que as mulheres passaram a ser consideradas “plenamente capazes” para os atos da vida civil. Até então elas eram consideradas incapazes e subordinadas aos pais ou ao marido, precisando, inclusive, de autorização para trabalhar. Outro marco da terceira onda foi a Lei do Divórcio aprovada em 1977. Após esses avanços, a Constituição Federal declarou, em outubro de 1988, que homens e mulheres são iguais perante a lei.

Contudo, infelizmente a igualdade de gênero, assim como vários outros direitos previstos no ordenamento jurídico brasileiro, existem apenas no papel. A igualdade inaugurada na Constituição é apenas formal. Ou seja, a igualdade de gênero ainda está apenas no papel. Esse fato faz com que a nossa luta pela igualdade de fato, ou material, seja diária.

A evolução dos direitos das mulheres é um assunto importante, que renderia várias linhas, mas esse não é o tema desse texto. Porém, situar o leitor no tempo para que se perceba que não tem nem 60 anos que as mulheres são consideradas capazes é importante para o tema que será abordado aqui. O assunto hoje é o silenciamento das mulheres como forma de coibir o avanço da efetivação de direitos. As mulheres são emudecidas diariamente e, por vezes, sequer percebem. É normal não identificar, temos que estar atentas para perceber o quanto a sociedade patriarcal ainda quer nos calar.

Essas linhas iniciais são para mostrar que o silenciamento das mulheres é cultural e está em qualquer espaço, dentro dos lares, nas mesas de bar, nas instituições etc. A opressão é uma das maneiras encontradas por aqueles, maioria homens, que pretendem se manter em uma posição de superioridade e acham que manter as mulheres quietas garante esse lugar.

Vivemos em uma sociedade patriarcal. É verdade, estamos mudando, a passos lentos, mas contínuos. Ainda existe uma ideologia que autoriza a desigualdade dos gêneros e que acha “natural” a superioridade do masculino, o que se sabe ser um mito.

A inclusão da mulher no mercado do trabalho foi um passo importante, que proporcionou a nós um lugar para o exercício da cidadania. Rodrigo da Cunha Pereira, no “Dicionário de Direito de Família e Sucessões” afirma que: “*a desconstrução da suposta*

superioridade masculina foi desencadeada principalmente pelo movimento feminista, que está entrelaçado com elementos políticos, religiosos, éticos e estéticos da sociedade". Ele alerta que as novas possibilidades de relações, tanto pessoais quanto sociais, não são simples, já que vivemos muito tempo com uma cultura onde a desigualdade de gênero era (e ainda é) legítima.

O fato é que mesmo após tanta batalha e modificações da legislação a mulher ainda precisa diariamente buscar que os seus direitos, já reconhecidos, sejam exercidos. Todos, homens e mulheres, precisam estar alertas, pois o silenciamento, é uma das formas de manter o feminino abaixo do masculino. Para exemplificar o comportamento masculino para manter a mulher em uma condição de inferioridade podemos começar falando sobre o silenciamento feminino através de [mansplaining](#) e do [manterrupting](#).

O primeiro caso foi descrito por [Rebecca Solnit](#) em seu livro "Os homens explicam tudo para mim" onde ela relata que, durante uma conversa com um homem, ele interrompeu sua fala para perguntar se ela já tinha ouvido falar de um livro importante que havia sido lançado e passou a explicar sobre o assunto abordado na obra. Ocorre que a autora do tal livro era a própria Solnit. Ou seja, o homem estava explicando para uma mulher algo que foi escrito por ela.

O [manterrupting](#) também ganhou destaque depois da entrevista da deputada estadual Manuela d'Ávila no Roda Viva durante a campanha eleitoral de 2018. Ela sofreu [62 interrupções pelos entrevistadores](#), enquanto os outros participantes homens, foram cortados em uma escala muito menor (Boulos 12 vezes e Ciro 08). O fato demonstra que não há receio em interromper a fala de uma mulher.

Há relatos que essas e outras condutas são recorrentes fato que acaba desencorajando a fala feminina. As mulheres, por saberem mesmo que inconscientemente, que serão interrompidas, desistem de falar para não passar por essa situação constrangedora. Precisamos mudar essa conduta, não devemos nos intimidar.

O silenciamento das mulheres é uma prática antiga, mas que permanece viva ainda no século XXI. Na obra, do século VIII a.c., [Odisséia de Homero](#), em uma passagem do livro, Telêmaco, filho de Ulisses e Penélope, ao ouvir sua mãe pedir, durante uma reunião de homens em que ele estava tocando um instrumento musical, uma música se dirige a ela e diz: "Mãe, volte para os seus aposentos e retome seu próprio trabalho, o tear e a roca ... Discursos são coisas de homem." Percebam que mesmo escrito há mais de três mil anos a fala parece tão atual.

Notem que colocar a mulher em um espaço inferior ao ocupado pelo homem é uma questão cultural que persiste há muito tempo. A atitude de buscar o rebaixamento de alguém pelo simples fato dessa pessoa não ser do gênero masculino é autorizado pelo sistema patriarcal.

Ocorre que em alguns casos o silenciamento ultrapassa a interrupção ou a explicação anteriormente mencionada. Muitas vezes esse silenciamento pode gerar violação de direitos fundamentais e trazer danos irreversíveis às mulheres silenciadas. É o que acontece nos casos de assédio moral e de violência doméstica, por exemplo. Duas agressões em que a grande maioria das vítimas são mulheres. E um dos motivos dessa estatística é a crença na superioridade masculina somada ao fato de as mulheres acreditarem que realmente são inferiores e, por isso, acabam se calando.

O silêncio pode gerar danos psíquicos (depressão e ansiedade), materiais (pedido de demissão) ou, em casos extremos, causar a morte (feminicídio e suicídio). Precisamos levar a conhecimento de todos, especialmente das vítimas, que a mulher tem o direito de falar e de denunciar. As vítimas não precisam de autorização para falar tão pouco para denunciar crimes. Para a sociedade onde o machismo ainda é dominante, a mudança tem que partir de nós, mulheres.

O meu convite é que começemos uma grande corrente para não permitir o silenciamento das mulheres. No momento que todas nós impusermos nossa voz em todos os espaços nosso lugar em igualdade ao homem será efetivado! Não vamos deixar que nos calem, nem nas mesas dos lares ou dos bares, nem nas instituições e nem em lugar algum. Somos todos iguais e é a nossa voz que vai fazer com que esses direitos saiam do papel e sejam materialmente efetivados.



Mariane Contursi Piffero é advogada – OAB/RS 80.297B – e colunista do [CiênciAção](#). Contato: marianecontursi@hotmail.com.

Referências Bibliográficas

- PEREIRA, Rodrigo da Cunha. **Dicionário de direito de família e sucessões**: ilustrado. São Paulo: Saraiva, 2015.
- SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. São Paulo: Cultrix, 2017.

Tags #feminismo #ondasdofeminismo #silenciamento

Revisão de Cristina dos Santos Lovato.

Aluna Destaque: Luciéle Pacheco Rodrigues



Olá, colegas! Meu nome é Luciéle Pacheco Rodrigues, sou estudante do curso de [Nutrição da Universidade Federal do Pampa, campus Itaqui](#). Sou integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, o NEABI, da UNIPAMPA Itaqui, desde 2017.

O coordenador do NEABI atualmente é o Prof. Dr. Paulo Roberto Cardoso da Silveira. O núcleo tem como um de seus objetivos problematizar temas que abordam as minorias ao buscar compreender as diferenças culturais existentes em nossa sociedade e combater o preconceito e a discriminação.

No ano de 2017, participei do [9º SIEPE – Salão Internacional de Ensino Pesquisa e Extensão](#) –, na cidade de Santana do Livramento - RS, levando um dos trabalhos do NEABI intitulado [A educação para a diversidade: interconectando conhecimento e vivências na cultura afro-brasileira](#), premiado como melhor trabalho na categoria Extensão – Melhor Pôster.

Enquanto integrante do NEABI sempre achei necessária a inserção e a maior participação da comunidade Itaquiense em projetos dentro da universidade, e como estudante sentia falta de atividades culturais dentro do campus. A partir dessa problemática, trouxemos propostas de atividades culturais e parcerias com instituições da cidade. Entendo que a partir dessas vivências que aprendemos a respeitar e entender o diferente.

Em atividades culinárias e de dança entre outras, conhecemos mais sobre a nossa cultura afro e nossa ancestralidade. Isso traz representatividade e acolhida para dentro do campus.

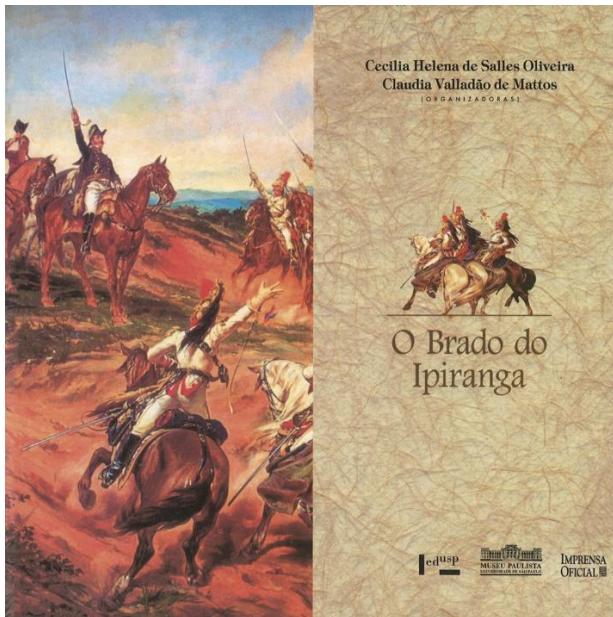
Convido tod@s colegas de campus para conhecer o NEABI e trazer suas problemáticas, pois é com o diálogo que vamos agregando conhecimento sem nunca deixar de lutar contra qualquer tipo de preconceito e discriminação.

Meu contato é lucielerodrigues.aluno@unipampa.edu.br

Revisão de Cristina dos Santos Lovato e edição de Walker Douglas Pincerati.

O Brado do Ipiranga, de Cecília de Salles e Cláudia de Mattos (1999)

por Walker Douglas Pincerati



*Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
 De um povo heróico o brado retumbante,
 E o sol da liberdade, em raios fulgidos,
 Brilhou no céu da pátria nesse instante.*
 [...]

[Hino Nacional](#); letra de Joaquim Osório Duque Estrada.

O Brado do Ipiranga, publicado em 1999 pela [Edusp](#), Imprensa Oficial e Museu Paulista (da USP), e organizado por Cecilia Helena de Salles e Cláudia Valladão de Mattos, é uma

edição fac-similar desta obra publicada em 1888 por Pedro Américo de Figueiredo e Mello. Traz artigos, discursos, esboços e cartas que possibilitam, como diz José Sebastião Witter, “o estudo da formação da memória da Independência e da compreensão dos significados históricos e estéticos daquela que se tornou a representação emblemática do episódio de 7 de setembro de 1822”: a tela **Independência ou Morte!**, pintada pelo próprio Pedro Américo ([ver abaixo](#)).

Basta que façamos uma rápida busca na [Google.com](#) com as expressões “7 de setembro + o grito do Ipiranga” que essa pintura aparece associada a vários textos. Famosa e constante em muitos livros didáticos, fixou-se como imagem do “instante” – referido em nosso hino (um dos 4 símbolos da República Federativa do Brasil, conforme estabelece o art. 13, § 1º, da [Constituição do Brasil](#)) – em que o “sol da liberdade brilhou no céu” da “Pátria amada, Brasil!”. Nesse *instante*, “as margens do Ipiranga ouviram o brando retumbante”, o apregoado grito de D. Pedro I, que, após ler decretos de D. João VI e a exigência deste que voltasse à Europa, desembainhara sua espada e bradara: “**Independência ou Morte!**”.

N’O Brado se desvenda o véu que recobre a tela e ilude nossos olhos. Isso porque, segundo o próprio Pedro Américo, “a realidade *inspira*, e não escraviza o pintor”. Enquanto pintor histórico (e acadêmico), sua função, diz ele no livro, é a de reproduzir “as faces essenciais do fato, sem esquecer totalmente as difíceis e severas lições da ciência do belo.” As cartas que o livro traz revelam uma rica discussão do processo de composição artística e das escolhas do pintor. Neste caso, mostram haver entre verdade histórica e função estética a construção de uma lenda: a de que o brado é de um povo heroico!

Lenda, sim! Afinal, de um lado, nos faz crer que o grito bastou; e, de outro lado, nos faz esquecer a ausência de luta pela independência: na espada desembainhada não escorre o



sangue das batalhas. Pelo contrário, o reconhecimento da independência por Portugal não se deu numa guerra senão política, porque ocorreu com a assinatura do Tratado de Paz e Amizade, datado de 29 de agosto de 1825; documento esse que foi costurado com intensa participação da Inglaterra e que rendeu uma boa indenização a Portugal (confira toda essa história [clicando aqui](#), e para sabê-la com muito mais detalhes, [clique aqui](#)). Não há conquista, mas tão somente encenação: como se vê, num campo calmo e bucólico um rompante majestoso.

Essa encenação, tal qual pintada por Pedro Américo e descrita por ele na quarta parte d'**O Fato**, o primeiro capítulo do livro, foi protagonizada por Tarcísio Meira, em 1972. Clique na [imagem](#) ao lado para ver o trecho do filme.

Seja como for, toda essa rica história pode nos dizer muito sobre a nossa história e, sobretudo, pode nos fazer refletir bastante sobre o que significa – em termos de ‘liberdade’, ‘independência’ e ‘soberania’ – o **7 de setembro**.

Reprodução fotográfica da obra *Independência ou Morte!* (1888)



Fonte: [Frazão](#) (2018). Acesso em 10/10/2018.

Walker Douglas Pincerati é professor no curso de [Letras EaD da UNIPAMPA Jaguarão](#) (2016-atual). Currículo Lattes: [clique aqui](#). Contato: [clique aqui](#). Página web: [clique aqui](#).

É certo “falar errado”?

por Cristina dos Santos Lovato e Mariane Debus Borges

É notório que há modos de falar diferentes e sotaques distintos. Todavia, esses diferentes modos de falar não estão errados porque não há um único modo de utilizar a língua. Inclusive você já deve ter percebido que não escrevemos como falamos, que dependendo da situação adotamos um registro linguístico mais formal e que o modo de falar sulino é diferente do nordestino. A Sociolinguística veio para mostrar que a língua é um organismo vivo, e que ela, a língua, vai variar conforme o espaço, o tempo, a história e o falante.

“A norma-padrão não faz parte da língua, não corresponde a nenhum uso real da língua, constitui-se como um modelo”. Marcos Bagno em *Nada na língua é por acaso*.

Segundo o linguista, filólogo e tradutor Marcos Bagno (2007b, p. 59), “a variação linguística é um tema muito interessante em si mesma”, é um fenômeno da linguagem capaz de explicar muitas coisas sobre a língua e os processos de mudança linguística”.

Se empreendermos uma grande viagem pelo Brasil, de Norte a Sul e de Leste a Oeste, recolhendo os modos de falar das pessoas de todas as regiões, de todos os estados, das principais cidades, da zona rural etc., vamos perceber que existem diferenças nesses modos falar (...). Há muita semelhança, também, mas são as diferenças que chamam mais a atenção e que permitem classificar esses variados modos de falar. Quando você consegue identificar os traços característicos de um determinado modo de falar a língua, você pode chamá-lo de *variedade* (grifo do autor). Se você, em vez de sair viajando pelo país, decidir estudar os modos de falar das pessoas de um mesmo lugar – uma grande cidade, por exemplo –, vai notar também que a *variedade* falada nesse lugar apresenta diferenças que correspondem às diferenças que existem entre pessoas: grau de escolaridade, situação socioeconômica, faixa etária, origem geográfica, etnia, sexo etc. (BAGNO, 2001, p. 41).

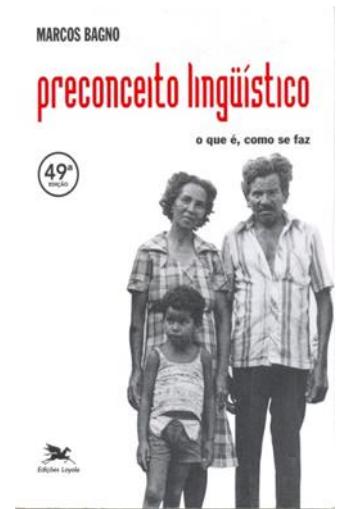
Esses fatores descritos acima representam quem o falante é, e, conforme destaca o linguista Louis Jean-Calvet, no livro *Sociolinguística: uma introdução crítica* “(...) as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes” (p. 12). Linguagem e sociedade estão conectadas: a diversidade linguística é um fenômeno constitutivo da linguagem, e essa diversidade de modos de se expressar em uma língua é chamada de *variação linguística*. De acordo com o linguista Marcos Bagno, no livro *O Preconceito Linguístico*, essa diversidade linguística é estigmatizada.

O autor elenca oito mitos em relação à noção de língua:

- Mito 01: “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”. Segundo o autor (2007a, p.15), no Brasil, a língua apresenta um

elevado grau de diversidade e de variabilidade, as quais já estão sendo aceitas pelas instituições.

- Mito 02: “Brasileiro não sabe português, só em Portugal se fala bem português”. O autor (2007a, p.20) explica que isso é um grande equívoco, falamos português, temos nossa língua própria e uma pronúncia única. Não há, de acordo com o autor, nem uma “raça pura” tão pouco haveria uma “língua pura” com um único e específico modo de falar.
- Mito 03: “Português é muito difícil”. Bagno (2007a, p.35) esclarece que o Português é uma língua como qualquer outra, pois uma criança não tem sequer a ideia do que sejam as normas gramaticais; no entanto, aprende a falar. Todo o nativo de um determinado lugar ou país vai aprender a língua do seu povo ou país.
- Mito 04: “As pessoas sem instrução falam tudo errado.” Conforme Bagno (2007a, p.40), isso é um mito porque não existe uma única língua portuguesa, então falar de outro modo não deve ser considerado errado, feio ou equivocado, temos como exemplo as palavras “Cráudia”, “chicrete”, “praça”, “pranta” etc. Logo, o autor indica que não há apenas o português padrão. Essas palavras sofrem alterações em função dos fatores extralingüísticos indicados anteriormente. O papel da educação é orientar os estudantes em relação a situações em que esses diferentes registros linguísticos são permitidos ou não.
- Mito 05: “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão” Bagno (2007a, p.46) aponta que isso é um grande equívoco, pois esse aspecto é atribuído ao registro linguístico falado no Maranhão em função apenas do fato de que os maranhenses usam constantemente o pronoméne “tu” com a correta concordância verbal.
- Mito 06: “O certo é falar assim porque se escreve assim”. Para Bagno (2007a, p.52), isso não é somente um preconceito como também um erro, visto que dependendo do lugar e da cultura, as pessoas se expressam pela fala de diferentes formas, por exemplo, o carioca fala de uma maneira; o paulista e o gaúcho, por exemplo, falam de outra.
- Mito 07: “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”. Segundo Bagno (2007a, p.62), isso é um mito, pois, se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores, porém não são. Grandes escritores como Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade dizem estar longe das normas gramaticais.
- Mito 08: “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”. Para Bagno (2007a, p.69), isso é um mito, porquanto não é só a elite que sabe, via de regra, a norma culta. O autor exemplifica apontando que um grande fazendeiro – supostamente iletrado – não passou pelo processo formal de educação e poderá, mesmo assim, ter posses e recursos financeiros. Por outro lado, um professor de



português, às vezes, nem sequer o salário recebe. Bagno ainda ressalta que não adianta saber a norma culta e não ter uma moradia digna. O autor salienta que o poder no Brasil está concentrado em indivíduos que não dominam a norma culta da gramática, todavia, são homens heterossexuais oriundos de oligarquias. E conclui o Mito 08 apontando que: “falar em língua é falar em política”.

Por fim, observa-se que é necessário desconstruir a visão errônea de que existe apenas uma língua ou somente a norma padrão ou a norma culta. Há diversos “portugueses brasileiros” e é, por isso, necessário conscientizar as pessoas sobre as diferenças na língua de modo que elas possam monitorar a fala de acordo com a situação. Ou seja, a pergunta não é: “é certo ou errado falar assim?” mas sim: “essa variedade é adequada a essa situação ou não?”.

Cristina dos Santos Lovato é Doutora em Letras, Estudos Linguísticos, e docente na UNIPAMPA, campus Itaqui. Email: cristinalovato@unipampa.edu.br.

Mariane Debus Borges é acadêmica do curso de Letras EaD da UNIPAMPA, oferta UAB, polo Itaqui/RS. E-mail: marianedebus.aluno@unipampa.edu.br.

Referências Bibliográficas

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?**: um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola editorial, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 49ª ed., São Paulo Editora Loyola, 2007a.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola editorial, 2007b.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editoria, 2002.

Quer saber mais sobre os autores citados no texto? Acesse [Marcos Bagno](#) e [Louis-Jean Calvet](#).

Tags #linguística #sociolinguistica # variação linguística

Edição de Walker Douglas Pincerati.

É certo “falar errado”?

in: CiênciAção VII, ano 0, 18 de setembro de 2020.

Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/cienciacao/2020/09/10/e-certo-falar-errado/>.

2020: o ano do fogo no alagado e outras desgraças

por Eduardo Luís Hettwer Giehl

Há poucos meses li uma reportagem de dezembro de 2019. No título, um astrólogo prometeu que 2020 seria um ano leve. Chegou 2020 e me parece impossível ele ter errado tão rude e tão feio. Ou 2020 está sendo pesado, ou estamos em uma escalada ao pico do monte Everest? Pandemia, fogo para tudo quanto é lado, ciclone-bomba e até nuvens gigantes de gafanhotos rondando nossos queridos pampas e plantações. Várias coisas que não acontecem toda hora, acontecem agora ao mesmo tempo. Embora o ano dê muito assunto, vou escrever aqui um pouco sobre a “enxurrada de incêndios” e depois vou tratar um pouco sobre de onde vem o balanço que estamos sentido nas bases durante esses dias estranhos que vivemos.

Fogo é tudo igual?

As notícias recentes sobre muitos novos focos de incêndio na Amazônia e no Pantanal são de arrepiar. É muito intrigante ver os dois lugares queimando. A Floresta Amazônica é sempre mostrada com seus rios gigantes e uma floresta úmida, onde chove muito. O Pantanal então, de acordo com o próprio nome, é um grande pântano ou alagado. Claro que nos dois casos a abundância de água tende a ser um pouco menor no inverno, mas ficarem tão secos a ponto de pegar fogo e virarem incêndios incontroláveis é outra história.

O fogo da Amazônia é diferente do fogo do Pantanal, e ambos são diferentes do fogo em outros sistemas – isso pode ser que seja o caso também dos campos de altitude aqui do sul do Brasil, em meu laboratório estamos começando a estudar isso –. No Cerrado, algumas espécies de grama se adaptaram ao fogo. Isso se deu a tal ponto que, durante o inverno, quando é seco, essas gramas são como pólvora: pegam fogo com facilidade e queimam as plantas que ficam acima do solo. Os incêndios acontecem há milhares ou milhões de anos, e, por isso, muitas árvores desenvolveram cascas bem grossas que as protegem do fogo. E o que acontece embaixo do solo é também bem diferente: lá ficam protegidas partes das plantas que não queimam e que garantem um rápido rebrote. No Cerrado, até mesmo os animais também podem estar mais “preparados”, prontos para correr e buscar abrigos quando o fogo chega, e em grande parte parece um "fogo de palha": queima rápido, mas logo apaga.

Por essas adaptações em plantas e em animais, o Cerrado e alguns outros lugares do mundo são sistemas que queimam com maior facilidade e se recuperam rápido. No entanto, quando o fogo não é parte do sistema, como o que está acontecendo na Amazônia e no Pantanal, o resultado é muito diferente. Quando o fogo não é o natural, é como uma peça que cai dentro de um motor: não se encaixa e atravessa o funcionamento o que causa uma quebra ou colapso do motor inteiro. Quando o fogo chega do jeito que está chegando à Amazônia ou ao Pantanal, onde quase não existem árvores com cascas grossas, plantas com partes protegidas abaixo do solo e prontas para rebrotar, ou animais que sabem como

e para onde fugir, o estrago é incalculável. E por lá, não é só fogo de palha. Quando florestas queimam, a lenha das grandes árvores tende a queimar por muito tempo, e o fogo fica muito mais quente. Por lá é comum que o fogo queime até dentro do solo. Isso mata sementes e animais do solo, que depois não estarão lá para que a floresta volte a crescer.

Logo, por três motivos fogo não é tudo igual. Primeiro, porque o que queima não é igual; segundo, porque o jeito que queima não é igual; e terceiro, porque a rapidez com que cada lugar se recupera não é igual. Por isso, o fogo na Amazônia e no Pantanal precisam ser controlados. O fogo é tão estranho quanto problemático por lá. E levará muito tempo para que os locais queimados se recuperarem.

O que eu, aqui no Sul do Brasil, tenho a ver com isso?

Certamente não foi nenhum de nós que acendeu o fósforo que pôs fogo na Austrália lá pelo início do ano. Dou quase 100% de certeza de que posso dizer o mesmo sobre os incêndios aqui no Brasil. Mas uma questão tem ficado cada vez mais clara: não riscar o fósforo não nos tira toda a culpa, assim como não estar vendo as labaredas pela janela não nos livra de consequências.

Nosso planeta é bem grande para morarmos, porém ainda é uma casa só. Todo mundo sabe bem o que acontece com uma fumaça que começa na cozinha, logo se espalha pela casa toda. Transportando essa ideia para o mundo que vivemos e por meio do que foi descoberto pelos cientistas, a Amazônia é fonte de boa parte das chuvas que caem aqui no sul do Brasil. Isso acontece porque existem milhões de árvores por lá, coletando água nos solos muito úmidos em boa parte do ano.

A água é transportada por dentro das árvores até suas folhas, de onde a maior parte é perdida para o ar, virando um monte de vapor d'água, que, depois, viram nuvens. É tão grande a quantidade de nuvens que se formam por lá que vão sendo empurradas por ventos em nossa direção. Sobra água para abastecer tudo ao longo do caminho, até chegar ao sudeste e sul do Brasil. É tanta água e tão estabelecidos esses caminhos que começaram a ser chamados de "rios voadores". Quando cortamos ou queimamos as florestas da Amazônia para trocar árvores por lavouras ou pastagens, muito menos água é levada para o ar. Sem as árvores, a Amazônia não produz mais nuvens, os "rios voadores" secam; e logo as plantas de lavouras e hortas aqui no sul e sudeste ficarão murchas. É desse jeito que o prejuízo poderá chegar até nós, a alguns mil quilômetros de distância.

Mas podemos ser acusados de estar ajudando a segurar o fósforo? Nosso mundo está mudando de forma muito rápida, e a forma como aceitamos as mudanças sem fazer nada a respeito é, sim, uma forma de dividir a responsabilidade. Nos últimos anos, especialmente desde 1950, vivemos uma grande aceleração. Tudo está mais rápido de um ano para o outro. Mais pessoas, mais carros, mais lavouras, mais animais em criações, mais indústrias, mais cidades etc. Do outro lado, temos cada vez menos florestas, menos cerrado, menos pantanal, menos animais e menos plantas -- fora animais e plantas que nos

interessam --. Como resultado, vivemos num mundo muito diferente do mundo de antes de 1950. E junto com essas mudanças, um tanto fáceis de perceber, vem outras bem mais sorrateiras.

Por mais que seguido se escute alguém ou nós mesmos dizendo que cada ano está mais quente, nada é feito a respeito – parece que que nossa memória não é muito boa, não é? Por isso, é bem difícil ter certeza se de fato em 2010 ou 2000 era mais fresco. Ficamos na dúvida e podemos nos convencer de que está tudo bem e que nem mudou tanto assim. Mas os dados de temperatura que foram registrados ao longo desses anos apagam essas dúvidas. Cada ano está mais quente, em média. Isso não impede um dia, uma semana, ou até mês bem frio por ano e até mesmo neve de vez em quando. Tudo isso quer dizer que temos menos dias, menos semanas ou menos meses frios, menos geadas por ano e menos chance de ver neve a cada ano que passa. Ao nos deixarmos enganar pela memória falha e mensagens enganosas de que está tudo bem, estamos oferecendo outro fósforo para acender mais um foguinho.

Para piorar tudo, não está ficando só mais quente. Eu nasci num país que não tinha tornados, num país onde não era tão seco a ponto de um grande alagado pegar fogo, num país que não era tão seco a ponto das cataratas do Iguaçu não rugirem, onde nunca se tinha ouvido falar em ciclone-bomba ou nuvens de gafanhotos sobre os pampas. Esse país era o Brasil. E esse era o mundo logo ali atrás, das décadas de 1980, 1990, 2000. Ao que tudo indica, todo esse caos vem junto com os anos cada vez mais quentes. Esse caos todo é chamado de eventos climáticos extremos: secas mais longas, enxurradas mais fortes, tornados e ciclones-bomba são exemplos. Ouviremos falar cada vez mais disso e das tragédias que virão junto. Em especial porque as previsões de cientistas do mundo todo acertam tanto quanto seus alertas são ignorados: muito e demais.

O que podemos fazer?

A pergunta que resta sobre 2020 é então: foi tudo para contrariar nosso astrólogo desavisado, ou estamos mesmo no caminho errado? Não acho que o universo preste atenção e puna um astrólogo cujas previsões descabidas apareceram num jornal. Ainda mais que estamos pagando a conta juntos. Acredito é que estamos num caminho que não é dos melhores. Enquanto um jornal escreve todos os dias sobre horóscopos, será que escreve o suficiente sobre o mundo a nossa volta e sobre que está acontecendo com ele? Sim, recebemos também enxurradas de informações sobre o fogo na Amazônia e no Pantanal. E na Austrália? E na Califórnia? E na Sibéria? Sim, o mundo está queimando, já sabemos. Mas as ligações nisso tudo não são mostradas de forma clara. Ações para combater, ou melhor ainda, prevenir os problemas que enfrentamos em 2020 são mínimas ou sem sentido. Esforços em frear o desmatamento, diminuir o uso de petróleo ou frear o crescimento da população humana quase não existem. Parece que se resume tudo a se o PIB aumenta, seremos felizes? Sabe-se que o dinheiro circula até mais na tragédia, na desgraça e na guerra. Se aumentar o PIB é nossa única meta, estamos no caminho certo, e a desgraça virá encilhada. Se preferirmos um caminho menos doloroso, precisamos ouvir

mais os cientistas e exigir que nossos governos façam o mesmo. E já que 2020 já não pode mais ser “leve”, que seja o ano do recomeço, e que das cinzas dele renasça algum caminho novo.

Eduardo Luís Hettwer Giehl é Professor Adjunto A do Departamento de Ecologia e Zoologia do [Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina](#). Contato: eduardohet@gmail.com.

Limite da despesa com Pessoal, conforme a Lei 101/2000 (Lei de Responsabilidade Fiscal) do município de Itaqui

No dia 04 de maio de 2000 foi promulgada a [Lei Complementar nº 101](#), conhecida como a Lei de Responsabilidade Fiscal – LRF, em consonância com o que determina o Artº. 174 da nossa [Constituição \(1988\)](#), ela normatizou no âmbito da administração pública brasileira nos âmbitos Federal, Estadual, Municipal e do Distrito Federal dispositivos para o controle das finanças públicas, com especial atenção ao planejamento e à transparência, controle e fiscalização do destino do dinheiro público.

Muito importante dizer que a transparência, no âmbito da Administração Pública, quer dizer disponibilização com clareza de todos os atos e fatos contábil-administrativos quer da administração federal, que da administração pública estadual, municipal ou distrital. Ela objetiva possibilitar à população, em geral, o controle e a fiscalização da gestão orçamentária e financeira, a fim de torná-la mais responsável, eficiente e eficaz, mostrando se o dinheiro público está sendo usado corretamente e de forma a gerar resultados positivos a nossa sociedade. Se uma política pública se define em função de seu objetivo de mitigar problemas públicos, a [Lei nº.101/2000](#) é, então, uma política pública que tem por base o planejamento, transparência; por consequência, o controle e a responsabilização.

A [LRF](#) quer possibilitar que a sociedade exerça seu direito de ocupar seu espaço no processo de interação e fiscalização da gestão orçamentária e financeira dos governos em todos os níveis. Sendo assim, os conselhos, as audiências públicas, as ouvidorias, os portais de transparência, dentre muitos outros, são os ambientes onde a sociedade pode verificar e exercer a função de controle social como forma de fiscalização e participação das decisões que influem diretamente em sua vida. Com isso, o cidadão é chamado a executar o exercício da cidadania viabilizado pela própria Lei citada, que lhe possibilita como direito líquido e certo verificar se o gasto público está sendo eficiente e eficaz. Conforme ENAP,

Na Administração Pública, o ato de controlar possui significado similar, na medida em que pressupõe examinar se a atividade governamental atendeu à finalidade pública (em oposição às finalidades privadas), à legislação e aos princípios básicos aplicáveis ao setor público (legalidade, impessoalidade, publicidade, moralidade, transparência, etc.). (*Id.*, 2015, p.5.).

Importante ressaltar que o controle social não é só de responsabilidade dos cidadãos, mas também das associações de bairros, das entidades filantrópicas, dos sindicatos, dos clubes sociais e esportivos, dentre outros entes associados e organizados.

Por isso, uma forma de se participar é manter vínculo com as diversas organizações, conselhos e associações. Ora, entre as inovações e controles que a LRF contempla, está o controle da despesa com pessoal, onde consta:

Art. 18. Para os efeitos desta Lei Complementar, entende-se como despesa total com pessoal: o somatório dos gastos do ente da Federação com os ativos, os inativos e os pensionistas, relativos a mandatos eletivos, cargos, funções ou empregos, civis, militares e de membros de Poder, com quaisquer espécies remuneratórias, tais como vencimentos e vantagens, fixas e variáveis, subsídios, proventos da aposentadoria, reformas e pensões, inclusive adicionais, gratificações, horas extras e vantagens pessoais de qualquer natureza, bem como encargos sociais e contribuições recolhidas pelo ente às entidades de previdência.

§1º Os valores dos contratos de terceirização de mão-de-obra que se referem à substituição de servidores e empregados públicos serão contabilizados como "Outras Despesas de Pessoal".

§2º A despesa total com pessoal será apurada somando-se a realizada no mês em referência com as dos onze imediatamente anteriores, adotando-se o regime de competência.

A propósito do que nos interessa, no Art. 19 da [Lei nº.101/2000](#), lemos:

Art. 19. Para os fins do disposto no [caput do art. 169 da Constituição](#), a despesa total com pessoal, em cada período de apuração e em cada ente da Federação, não poderá exceder os percentuais da receita corrente líquida, a seguir discriminados:

- I - União: 50% (cinquenta por cento);
- II - Estados: 60% (sessenta por cento);
- III - Municípios: 60% (sessenta por cento).

No que diz respeito ao limite de gasto com pessoal nos municípios, o percentual é de 60%, quando 54% é o relativo de gastos com pessoal do executivo municipal, e 6% é de gastos com pessoal do legislativo.

No tocante ao art. 19 da Lei 101/2000, os percentuais do gasto com pessoal são os balizadores máximos em relação à receita corrente líquida. Conforme Wander (2003, p. 55), “a receita corrente líquida será apurada somando-se as receitas arrecadadas no mês em referência e nos onze anteriores, excluídas as duplicidades”.

Ainda, Wander aponta que:

No âmbito do município, a Receita Corrente Líquida é obtida pelo somatório das receitas correntes de todos os órgãos, inclusive daqueles que possuem autonomia administrativa e financeira, excluídas apenas as contribuições dos servidores para o sistema próprio de previdência e assistência social, se houver, e as compensações previstas no artigo 201, § 9º, da Constituição Federal, ou seja, os valores que o município vier a receber de outros sistemas políticos de previdência (INSS, por exemplo) a título de compensação de aposentadoria por ele concedidas a servidores que no passado contribuíram para esses sistemas. (2003, v. I, p. 21)

Sendo assim, a receita corrente líquida é formada pelas receitas correntes tributárias, de contribuições, patrimonial, agropecuária, industrial, de serviços, transferências correntes e outras receitas correntes de todos os órgãos da administração pública.

Logo, após apurada a receita corrente líquida (RCL), deve-se comparar com os gastos de pessoal, para ser levantado a relação em percentual do comprometimento da receita corrente líquida em comparação ao gasto com pessoal.

Portanto, para o município de Itaqui, assim como os demais municípios do Brasil, todos estão sob as premissas desta lei. Os municípios devem, além das exigências da lei, que requer transparência, criarem canais de forma simplificada da sua gestão administrativa pública, para que a sociedade entenda e comprehenda a importância de participação no processo de fiscalização, pois dessa forma a sociedade pode ativamente participar no processo de controle social.

Abaixo encontra-se uma demonstração histórica e da evolução da Despesa com pessoal em relação à receita corrente líquida desde o ano de 2002 até 2019, do município de Itaqui.

Tabela 1 – Limites da LRF para as Despesas com Pessoal

Descrição	Percentual
1 – Limite para emissão de alerta – LRF, Inciso II do § 1º do art. 59	48,60%
2 – Limite prudencial – LRF, parágrafo único do art.22	51,30%
3 – Limite legal – LRF, alínea “b” do Inciso III do art. 20	54,00%

Fonte: TCE – RS

http://www1.tce.rs.gov.br/aplicprod/f?p=20001:7:0:::RP,7:P7_ESFERAS,P7_MUNICIPIO:M,ITAQUI - Acesso em 24/08/2020.

Adaptado pelos autores

Tabela 2 - Evolução da despesa com pessoal em relação a RCL do município de Itaqui - RS

Exercício	RCL	Evolução % da RCL	Despesas Em R\$	Com pessoal % s/RCL
2002	22.188.284,67		13.169.898,64	59,36

Limite da despesa com Pessoal, conforme a Lei 101/2000 (Lei de Responsabilidade Fiscal) do município de Itaqui, in: CiênciAção VII, ano 0, 18 de setembro de 2020.

Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/cienciacao/2020/09/18/limite-da-despesa-com-pessoal-conforme-a-lei-101-2000-lei-de-responsabilidade-fiscal-do-municipio-de-itaqui/>.

2003	24.194.436,57	9,04	13.930.961,08	57,58
2004	27.325.773,26	12,94	15.474.126,04	56,63
2005	29.696.256,16	8,67	16.444.553,00	55,38
2006	32.330.124,41	8,87	17.260.670,29	53,39
2007	40.239.077,25	24,46	17.986.507,58	44,70
2008	44.055.405,39	9,48	21.861.359,35	49,62
2009	45.617.158,62	3,54	23.945.828,71	52,49
2010	52.003.327,71	14,00	26.342.332,61	50,66
2011	60.369.610,26	16,09	27.156.481,73	44,98
2012	67.448.795,89	11,73	33.411.735,54	49,54
2013	71.257.707,13	5,65	38.826.071,35	54,49
2014	75.373.914,25	5,78	39.365.047,17	52,23
2015	80.619.567,83	6,96	40.406.192,19	50,12
2016	89.934.645,63	11,55	48.757.470,62	54,21
2017	98.227.799,09	9,22	52.542.880,33	53,49
2018	101.305.463,23	3,13	60.303.670,04	59,53
2019	115.085.692,35	13,60	59.396.665,75	51,61

Fonte: TCE – RS

http://www1.tce.rs.gov.br/aplicprod/f?p=20001:7:0:::RP,7:P7_ESFERAS,P7_MUNICIPIO:M,ITAQUI - Acesso em 24/08/2020.

Adaptado pelos autores

Quando for ultrapassado 90% do limite com pessoal, relativo aos 54% do executivo, o que equivale 48,6%, o Tribunal de Contas do Estado emitirá um alerta informando ao poder público que o mesmo superou esse limite, como forma de manter informada a gestão pública do órgão e, ao mesmo tempo, tomar os devidos cuidados em não ultrapassar o limite prudencial.

Se ainda, o órgão do município ultrapassar 95% do limite de gasto com pessoal, relativo aos 54% do poder executivo, o que equivale a 51,3%, chamado de limite prudencial, a esse serão vedados, conforme Art. 22 da Lei 101/2000:

- I - concessão de vantagem, aumento, reajuste ou adequação de remuneração a qualquer título, salvo os derivados de sentença judicial ou de determinação legal ou contratual, ressalvada a revisão prevista no inciso X do art. 37 da Constituição;
- II - criação de cargo, emprego ou função;
- III - alteração de estrutura de carreira que implique aumento de despesa;
- IV - provimento de cargo público, admissão ou contratação de pessoal a qualquer título, ressalvada a reposição decorrente de aposentadoria ou falecimento de servidores das áreas de educação, saúde e segurança;
- V - contratação de hora extra, salvo no caso do disposto no inciso II do § 6º do art. 57 da Constituição e as situações previstas na lei de diretrizes orçamentárias.

Ou seja, não poderá o município dar aumentos, reajustes salariais bem como não poderão realizar contratações de pessoal e o pagamento de horas extras, como forma de buscar a redução do percentual de despesa com pessoal.

Porém, se o órgão ultrapassar os 54% do limite de gastos com pessoal, a Lei 101/2000 determina que seja eliminado o percentual excedente nos dois quadrimestres seguintes. Para tanto, terá de diminuir os gastos com pessoal, utilizando os dispositivos legais permitidos, como: a exoneração de cargos e funções de confiança, entre outros critérios. Caso não utilize esses instrumentos que a lei determina para redução do gasto com pessoal do órgão, este não poderá receber transferências voluntárias e contratar operações de crédito.

À vista disso, a Lei de Responsabilidade Fiscal, através dessa normatização descrita acima, conhecida como limite da despesa com pessoal, é um dos controles que o gestor público deve ter para não ser responsabilizado na justiça pela má gestão dos recursos públicos. Ao mesmo tempo em que as informações através do processo de transparência, controle e fiscalização que a lei 101/2000 determina, devem estar à disposição dos cidadãos para que os mesmos possam conhecer a realidade do seu município no tocante ao gasto com pessoal e realizarem a fiscalização com a Câmara de Vereadores, o Controle Interno e o Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul. É através da prestação de contas pelo município que se consolida o estado democrático de direito e materialize-se o exercício de cidadania pelo indivíduo social, no processo de fiscalização.

Márcio Luciano dos Santos Campos é discente da UNIPAMPA São Borja.

Ronaldo Bernardino Colvero é docente da UNIPAMPA São Borja.

Referências Bibliográficas

- LUIZ, Wander. **LRF Fácil**: Guia Contábil da Lei de Responsabilidade Fiscal. 5. ed. Brasília: CFC, 2003.
- BRASIL. Lei Complementar n. 101/2000, de 04 de maio de 2000. Estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LCP/Lcp101.htm> Acesso em: 22 ago. 2020.
- SILVA, Rodrigo B; KISCHLAT, Everton; CORTES, Rebecca (a). **Controle social**. Brasília: Enap, 2015. Módulo I: Introdução e conceitos básicos.
- Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul - TCE, 2020. Consulta Evolução das Contas. Disponível em <http://www1.tce.rs.gov.br/aplicprod/f?p=20001:7:0:::RP,7:P7_ESFERAS,P7_MUNICIPIO:M,ITAQUI>. Acesso em: 24 de ago. de 2020.

Revisão de Cristina Santos Lovato e edição de Walker Douglas Pincerati.

Limite da despesa com Pessoal, conforme a Lei 101/2000 (Lei de Responsabilidade Fiscal) do município de Itaqui,
in: CiênciAção VII, ano 0, 18 de setembro de 2020.

Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/cienciacao/2020/09/18/limite-da-despesa-com-pessoal-conforme-a-lei-101-2000-lei-de-responsabilidade-fiscal-do-municipio-de-itaqui/>.

Um olhar sobre a Gastronomia Gaúcha: do Passado Missionário ao Presente

por Vilson Flores dos Santos e Paulo Roberto C. da Silveira

Este texto é baseado na tese de autoria de Vilson Flores dos Santos apresentada ao Programa de Pós Graduação em Extensão Rural do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Maria com o título “*O surgimento da agropecuária missionária no Rio Grande do Sul e as derivações gastronômicas*”, para a obtenção do grau de Doutor em Extensão Rural, em dezembro de 2010.

Atualmente, existe uma crescente mobilidade de pessoas e produtos entre diferentes regiões em escala mundial, caracterizando um período de globalização econômica e social. A pandemia da COVID-19 intensifica essa sensação de integração, visualizando-se uma relativa uniformização planetária, a qual atinge hábitos e práticas que envolvem também a Gastronomia. Em reação a esse processo de uniformização, percebe-se a crescente valorização das culturas regionais, impactando nos estilos de consumo.

Logo, na gastronomia, observa-se uma tendência de disseminação de um estilo alimentar: o Fast Food caracterizado como uma alimentação rápida e marcada por ingredientes comuns a diferentes recantos do mundo. Por outro lado, verifica-se o resgate de uma culinária enraizada no saber tradicional e transmitida de geração a geração. Se o *Fast Food* padroniza gostos e práticas alimentares – alimentação fora de domicílio, utilização de pré-prontos e produtos ultra processados–, as gastronomias locais reforçam uma herança culturalmente difundida em determinada região.



Aqui, destacamos um saber gastronômico aquele que se ancora na história das Missões Jesuíticas do Sul do Brasil. Essa gastronomia que exprime sentimentos vividos e valores, formando uma das mais significativas e importantes manifestações do ponto de vista econômico e também cultural e fortemente enraizadas no universo do cotidiano dos atores sociais do lugar.

No caso do Rio Grande do Sul, costuma-se falar de uma culinária gaúcha; mas existem diferentes entendimentos do que se enquadra nesse conceito. Observa-se que a culinária gaúcha uma variante da miscigenação étnica: a gastronomia representa as distintas manifestações culturais existentes no hoje estado do Rio Grande do Sul. Há, nas autoridades governamentais do estado (Secretaria Agricultura, Pecuária e Agronegócio), uma forte

corrente no sentido de não mais considerar somente os costumes alimentares do homem campeiro platino tais como: [churrasco](#), [carreteiro](#), o [arroz de china pobre](#), [pucheiro](#), [quibebe](#), [mandioca](#) e [batata-doce](#) como os únicos representantes da culinária gaúcha. Aponta-se pela pertinência de uma política que incentive o setor quando possam ser resgatados e recriados pratos típicos de distintas regiões e patrimônios étnico-culturais, inclusive dos imigrantes europeus – que chegaram em um período posterior no território gaúcho – sejam alemães e italianos sejam poloneses e outros. Esse resgate plural, além de potencializar o turismo, valoriza a cultura, a agropecuária e a geração de novas fontes de renda e trabalho. Nesse sentido, defende-se como necessário a valorização da culinária trazidas por todas as etnias que compuseram a história do Rio Grande do Sul.

Entretanto, vale lembrar que estes pratos acima citados, embora possam não ser os únicos representantes de uma culinária gaúcha, devem ser considerados os propulsores dela, pois estão enraizados no processo alimentar diário da população Gaúcha. E, deve-se considerar que se originam em um período histórico em que ocorreu a ocupação do território gaúcho, quando foi adotada por os segmentos étnicos que aqui chegaram.

O processo de estabelecimento de Missões Jesuítico-Guarani, por exemplo, gerou um conjunto de conhecimentos oriundos da interação entre o saber dos europeus e dos nativos, os quais com o tempo foram se consolidando também em uma rica culinária, incorporando a contribuição dos descendentes de africanos e portugueses. Essas formas de preparo dos alimentos se desenvolvem como hábitos alimentares, em coerência com a característica específica do agroecossistema, a qual possibilita a disponibilidade de produtos de origem animal e vegetal para uso alimentar e como uma “medicina” popular.

Esses hábitos alimentares se transformaram em uma Gastro-nomia (em Grego nomos= lei e gastro= alimentação), compreendida como um ramo de conhecimento que abrange a culinária, as bebidas, os materiais usados na alimentação e, em geral, todos os aspectos culturais a ela associados. Desse modo, estabelecem-se normas de alimentação, envolvendo as técnicas de elaboração de pratos típicos da culinária gaúcha, os espaços sociais de convivência e eventos em que são servidos, partindo de ingredientes produzidos pela agricultura e pecuária nativa.

As manifestações gastronômicas típicas de uma culinária de origem missionária estão fortemente relacionadas à agropecuária regional e têm alimentado no território denominado Missões, e na maioria do estado do Rio Grande do Sul, uma chama viva cultural e relações de afetividade, envolvendo danças e vestimentas, práticas sociais. Essas manifestações estão presentes em exposições, feiras, eventos do Movimento Tradicionalista Gaúcho, rodeios, festivais de música e gastronômicos, e outros eventos, sempre evidenciando esses costumes e hábitos adquiridos no passado nesta região das missões.

Deve-se salientar que através do tempo histórico-social estas manifestações estão se ressignificando, ou seja, sofrem transformações quanto aos hábitos de consumo e formas culinárias, porém permanece seu significado enraizado no patrimônio cultural. Esta tradição Gastronômica não se perde com o tempo, observando-se hoje um forte culto a estes hábitos nos jovens, ocasionando assim a sua continuidade. Deve-se lembrar um dos hábitos contemporâneos mais presentes no seio da população Gaúcha: o saborear do Chimarrão ou Mate remonta aos indígenas Guarani que viram na Erva-Mate – planta nativa na região das Missões – propriedades digestivas, sendo comum tomarem um chá com aa folhas desta planta. Este hábito foi se transformando com a inclusão da Cuia – feita de porongo planta também conhecida dos nativos – e da Bomba –antes de Bambu e depois de metal –. O “tomar chimarrão” esteve associado aos hábitos dos tropeiros e carreteiros que podiam cruzar o estado e, inclusive, ultrapassar suas fronteiras, levando os equipamentos, a erva e a prática de sorve o “Mate” como auxílio digestivo diante do consumo elevado de carne.



Assim, como o Chimarrão, o churrasco como forma de consumir a carne e o arroz carreteiro – originalmente com charque e hoje também com carne picada – e o arroz de china pobre – com linguiça – também estiveram a uma necessidade de tropeiros e carreteiros em produzir um alimento rápido e na beira da estrada sem recursos técnicos característicos nas cozinhas das residências.

Como o passar do tempo, diante da urbanização da sociedade se verificou a manutenção desses hábitos em contextos onde são vistos como mediadores de sociabilidade. E atravessaram os anos e disseminaram-se para além das fronteiras gaúchas com as migrações de populações para outras regiões do Brasil. Tornando-se, inclusive, presentes em todas regiões brasileiras.

No Rio Grande do Sul é comum, atualmente, ver esses hábitos alimentares nas famílias gaúchas, sendo comum receber uma visita com churrasco, ou ainda aos finais de semana servir entre os familiares churrasco ou fazer um carreteiro de charque em encontros com amigos.

Desta forma, ao longo do tempo, foram sendo construídos e passado de geração em geração os hábitos e costumes desde as missões – raiz mais profunda desses costumes –,

É certo “falar errado”?

in: CiênciAção VII, ano 0, 18 de setembro de 2020.
 Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/cienciacao/2020/09/11/um-olhar-sobre-a-gastronomia-gaucha-do-passado-missionero-ao-presente/>.

passando pelas estâncias e mais tarde, as fazendas e granjas; se transformando no culto de um passado de brutalidade para um presente cavalheiresco, no qual as figuras do regionalismo são cultuadas pelos seus feitos como integrantes de uma cultura que encerra práticas sociais que se perpetuam através do tempo.

Vilson Flores dos Santos é Doutor em Extensão Rural e pesquisador associado do Núcleo MOVER/UFSC;

Paulo Roberto C. da Silveira é Doutor pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e professor da UNIPAMPA, *Campus Itaqui*.

Revisão de Cristina dos Santos Lovato.



CiênciAção

Observatório Interdisciplinar de
Divulgação Científica e Cultural

EXPEDIENTE



EDITORA EXECUTIVA
Prof.ª Dr.ª Cristina dos Santos Lovato (UNIPAMPA)



COMITÊ EDITORIAL

EDITORES-CHEFES
Prof. Dr. Walker Douglas Pincerati e Prof.ª Dr.ª Cristina dos Santos Lovato



EDITORIA CONVITE A LEITURAS
Prof. Dr. Walker Douglas Pincerati e Prof.ª Dr.ª Cristina dos Santos Lovato, colaboradores e discentes



EDITORIA ARTES E CULTURAS
Prof. Dr. Walker Douglas Pincerati e Prof.ª Dr.ª Cristina dos Santos Lovato, colaboradores e discentes



EDITORIA DA SEÇÃO "MEU TRABALHO NOTA 10"
Nathálie Debus Borges



EDITORIA DA SEÇÃO "PROFESSOR NOTA 10"
Pamela Piardi de Almeida



EDITORIA DA SEÇÃO "ALUNO DESTAQUE"
Graciéle Pereira Souza



EDITOR DE ARTIGOS DE OPINIÃO
Ewerton da Silva Ferreira



EDITORES DE REPORTAGENS
Prof. Dr. Paulo Roberto Cardoso da Silveira e Graciéle Pereira Souza



EDITORES DE COLABORADORES FIXOS
Prof. Dr. Walker Douglas Pincerati, Prof. Dr.ª Cristina dos Santos Lovato, Prof. Dr.ª Amanda Melo e Eduardo Silva.



CONSULTORIA TÉCNICA
Tamires Peixoto, Eduardo Silva e Nathalia Lopes



SECRETARIA
Silvia Maria Puentes Bentancourt





REDATORES
Colaboradores, docentes e discentes



REVISORES
Walker Douglas Pincerati, Cristina dos Santos Lovato e Nathalia Lopes.





CONTATO COM COLABORADORES
Paulo Roberto Cardoso da Silveira, Ewerton da Silva Ferreira, Walker Douglas Pincerati e Nathálie Debus Borges.



PROJETO GRÁFICO E GERENCIAMENTO DO SITE:
Raphael Santos de Lima e Prof. Dr. Walker Douglas Pincerati





GERENCIAMENTO DE MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS:
Pamela Piardi de Almeida, Nathálie Debus Borges, Ewerton da Silva Ferreira e Tamires Peixoto

